

Linguagem, práticas sociais e educação linguística: reconfigurações da Linguística contemporânea e implicações para o ensino de línguas

Language, social practices, and language education: reconfigurations of contemporary linguistics and implications for language teaching

Marco Aurélio da Silva¹

RESUMO

O presente artigo, de natureza teórica, filia-se ao campo da Linguística Aplicada crítica, em diálogo com a Linguística, e analisa as interfaces entre linguagem e ensino no contexto das transformações epistemológicas dos estudos da linguagem no século XXI. Com base em revisão crítica da literatura recente, especialmente a partir de 2018, discute-se o deslocamento de uma concepção estrutural e normativa da linguagem para abordagens que a compreendem como prática social, discursiva e cultural. Nesse enquadramento, destacam-se contribuições da sociolinguística da globalização, dos estudos de multiletramentos, das perspectivas de translinguagem e das abordagens críticas da educação linguística, que enfatizam os usos sociais da linguagem e as relações de poder que os atravessam. Argumenta-se que essa perspectiva implica a reconfiguração das bases epistemológicas do ensino de línguas, superando modelos centrados na transmissão de estruturas gramaticais. Ao articular formas linguísticas, práticas sociais e contextos de produção de sentidos, o estudo evidencia que os processos de ensino e aprendizagem devem considerar a diversidade linguística, a multimodalidade e os contextos socioculturais dos discursos. Conclui-se que o fortalecimento das relações entre Linguística e Ensino, no âmbito da Linguística Aplicada, é fundamental para a construção de práticas pedagógicas críticas e contextualizadas.

Palavras-chave: Linguística contemporânea; educação linguística; ensino de línguas; multiletramentos; práticas discursivas.

¹ Doutorando em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria/RS. E-mail: marcoaurelio22000@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7358-5814>.

ABSTRACT

This theoretical article is grounded in the field of critical Applied Linguistics, in dialogue with Linguistics, and examines the interfaces between language and teaching within the context of epistemological transformations in language studies in the 21st century. Based on a critical review of recent literature, especially publications from 2018 onward, it discusses the shift from a structural and normative conception of language to approaches that understand language as a social, discursive, and cultural practice. Within this framework, contributions from the sociolinguistics of globalization, multiliteracies studies, translanguaging perspectives, and critical approaches to language education are highlighted, emphasizing the social uses of language and the power relations that permeate them. It is argued that this perspective entails a reconfiguration of the epistemological foundations of language teaching, moving beyond models centered exclusively on the transmission of grammatical structures. By articulating linguistic forms, social practices, and contexts of meaning-making, the study shows that teaching and learning processes must take into account linguistic diversity, multimodality, and the sociocultural contexts in which discourses circulate. It concludes that strengthening the relationship between Linguistics and Teaching, within Applied Linguistics, is essential for developing critical and context-sensitive pedagogical practices.

Keywords: contemporary linguistics; language education; language teaching; multiliteracies; discursive practices.

1 INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XXI, o campo dos estudos da linguagem tem experimentado profundas reconfigurações epistemológicas, metodológicas e teóricas. Tais transformações decorrem, em grande medida, das mudanças socioculturais, tecnológicas e comunicacionais que caracterizam as sociedades contemporâneas, marcadas por processos intensos de globalização, mobilidade social, circulação transnacional de discursos e expansão das tecnologias digitais. Nesse contexto, a linguagem deixa de ser compreendida exclusivamente como um sistema formal de signos para ser concebida como prática social complexa, situada historicamente e atravessada por relações de poder, identidades, ideologias e disputas simbólicas.

Essa mudança de paradigma tem provocado impactos significativos tanto no campo da Linguística quanto nas áreas diretamente relacionadas ao ensino e à aprendizagem de línguas (Blommaert, 2010; Pennycook, 2018). Se, durante grande parte do século XX, os estudos linguísticos foram fortemente influenciados por abordagens estruturalistas e formalistas centradas na descrição dos sistemas linguísticos, as últimas décadas testemunharam a emergência de perspectivas teóricas, como a sociolinguística da globalização, a translanguagem e os estudos de multiletramentos, que deslocam o foco analítico para os usos sociais da linguagem, para as práticas discursivas e para os contextos socioculturais em que a comunicação se realiza (García; Wei, 2014; Cope; Kalantzis, 2009).

Nesse cenário, consolidam-se abordagens que enfatizam a dimensão social, cultural e política da linguagem, ampliando significativamente o escopo da investigação linguística. A linguagem passa a ser analisada como fenômeno situado em ecologias comunicativas complexas, nas quais múltiplos repertórios linguísticos e semióticos são mobilizados pelos sujeitos em contextos de interação social heterogêneos. Como argumenta Pennycook (2018), as práticas linguísticas contemporâneas devem ser compreendidas como parte integrante das dinâmicas culturais e políticas da globalização, nas quais a linguagem se constitui simultaneamente como meio de comunicação, espaço de construção identitária e instrumento de produção de poder simbólico.

Paralelamente, estudos desenvolvidos no âmbito da sociolinguística da globalização, especialmente aqueles que investigam mobilidade, superdiversidade, escalas sociolinguísticas

e circulação transnacional de discursos, têm demonstrado que os processos de mobilidade social e de circulação ampliaram significativamente a complexidade das práticas comunicativas contemporâneas (Vertovec, 2007; Blommaert, 2010). Blommaert (2010) destaca que a linguagem circula hoje em múltiplas escalas sociais e geográficas, exigindo novas ferramentas analíticas capazes de compreender a articulação entre repertórios linguísticos, mobilidade social e estruturas de poder que regulam a legitimidade dos discursos (Blommaert, 2010).

No campo da Linguística Aplicada contemporânea, essas transformações também se manifestam de forma expressiva. Conforme argumenta Kleiman (2016), a Linguística Aplicada passou a se caracterizar por uma orientação epistemológica voltada para a investigação de problemas sociais mediados pela linguagem, assumindo uma perspectiva crítica e transdisciplinar que articula produção de conhecimento científico, reflexão teórica e intervenção social. Nesse sentido, a linguagem deixa de ser concebida apenas como objeto de descrição para tornar-se elemento central na análise de práticas sociais concretas, como os processos de letramento, as políticas linguísticas e as práticas educativas.

No contexto das sociedades contemporâneas, caracterizadas pela diversidade cultural, pela multimodalidade comunicativa e pela intensificação das práticas digitais, conceitos como multiletramentos, translanguagem e educação linguística crítica têm ocupado lugar central nas discussões acadêmicas. Rojo e Moura (2019) argumenta que as transformações tecnológicas e culturais produziram novos modos de produção e circulação da linguagem, marcados pela convergência de mídias, pela multimodalidade e pela integração de diferentes sistemas semióticos. Nesse cenário, os processos de letramento passam a envolver a capacidade de interpretar e produzir sentidos em múltiplas linguagens e suportes comunicativos.

De forma convergente, García (2019) propõe o conceito de *translanguaging* (traduzido como “translanguagem”), entendido como o uso integrado e dinâmico dos repertórios linguísticos por sujeitos multilíngues, que não operam com sistemas rigidamente separados, mas articulam diferentes recursos semióticos em suas práticas comunicativas cotidianas. Essa perspectiva desloca a visão tradicional de línguas como códigos autônomos e enfatiza a fluidez e a inter-relação entre diferentes formas de expressão. Nesse sentido, o conceito desafia concepções de ensino baseadas em modelos monolíngues e normativos, evidenciando a necessidade de repensar as práticas pedagógicas em contextos linguísticos cada vez mais heterogêneos (García, 2019).

No contexto brasileiro, autores como Duboc (2020) e Siqueira (2010), bem como estudos mais recentes, como os de Marson e Jordão (2022), Rocha e Megale (2023) e Oliveira e Fabrício (2022), têm contribuído significativamente para a consolidação de uma perspectiva crítica da educação linguística, destacando a importância de compreender o ensino de línguas como espaço de formação cidadã, no qual os estudantes desenvolvem a capacidade de analisar criticamente os discursos que circulam na sociedade (Duboc, 2020; Siqueira, 2010; Marson; Jordão, 2022; Rocha; Megale, 2023; Oliveira; Fabrício, 2022).

Diante desse cenário, torna-se fundamental investigar as interfaces entre Linguística e Ensino, especialmente no que se refere às relações entre as formas linguísticas e os usos sociais da linguagem. Assim, o presente artigo possui natureza eminentemente teórica, fundamentando-se em uma revisão crítica da literatura recente, compreendendo produções publicadas entre 2018 e 2024, no campo da Linguística contemporânea e da Linguística Aplicada (Santos, 2019).

O objetivo central consiste em analisar como as transformações epistemológicas ocorridas nos estudos da linguagem repercutem na organização das práticas pedagógicas e nas concepções de linguagem que orientam o ensino de línguas na contemporaneidade. Argumenta-se que a articulação entre formas linguísticas e usos sociais da linguagem constitui eixo fundamental para compreender os processos de letramento, as políticas linguísticas e as práticas educativas no contexto das sociedades contemporâneas (Duboc, 2020; Siqueira, 2010; Marson; Jordão, 2022; Rocha; Megale, 2023; Oliveira; Fabrício, 2022).

Para desenvolver essa reflexão, o artigo estrutura-se a partir de três eixos analíticos inter-relacionados, que orientam a argumentação teórica apresentada ao longo do texto. O primeiro eixo dedica-se à análise das transformações epistemológicas que vêm marcando a Linguística contemporânea, evidenciando o deslocamento de perspectivas estritamente estruturais para abordagens que enfatizam a linguagem como prática social situada (Duboc, 2020; Siqueira, 2010; Marson; Jordão, 2022; Rocha; Megale, 2023; Oliveira; Fabrício, 2022). O segundo eixo examina a relação entre linguagem, diversidade e práticas sociais, considerando os processos de mobilidade cultural, pluralidade linguística e circulação de discursos que caracterizam as sociedades contemporâneas. O terceiro eixo discute as implicações dessas transformações para o campo do ensino de línguas, refletindo sobre os desafios e possibilidades que emergem para a formação linguística em contextos educacionais marcados pela diversidade, pela

multimodalidade e pela crescente centralidade das práticas discursivas na vida social (Duboc, 2020; Siqueira, 2010; Marson; Jordão, 2022; Rocha; Megale, 2023; Oliveira; Fabrício, 2022).

2 TRANSFORMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DA LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA

A Linguística do século XXI caracteriza-se por um processo contínuo de expansão de seus objetos, métodos e horizontes epistemológicos. Se, em suas fases iniciais de institucionalização científica, o campo esteve fortemente marcado por abordagens estruturalistas e formalistas, centradas na descrição do sistema linguístico enquanto estrutura relativamente autônoma, as últimas décadas testemunharam uma significativa ampliação das perspectivas teóricas que orientam os estudos da linguagem (García, 2019). Esse deslocamento não implica a negação das contribuições clássicas da disciplina, mas sinaliza uma reconfiguração do próprio estatuto da linguagem como objeto de investigação científica (García, 2019).

Nesse contexto, observa-se a consolidação de abordagens que enfatizam a dimensão social, cultural e política da linguagem, deslocando o foco analítico do sistema abstrato para as práticas discursivas concretas que constituem a vida social. A linguagem passa a ser compreendida não apenas como estrutura formal, mas como prática social situada, historicamente produzida e atravessada por relações de poder, identidades e disputas simbólicas. Tal reorientação epistemológica tem sido amplamente discutida na literatura contemporânea, especialmente no âmbito da Linguística Aplicada crítica e dos estudos sociolinguísticos (García, 2019).

Nessa direção, Pennycook (2018) argumenta que a Linguística contemporânea precisa reconhecer a linguagem como fenômeno profundamente imbricado nas dinâmicas culturais e políticas da globalização. Para o autor, as práticas linguísticas não podem ser compreendidas isoladamente de seus contextos socioculturais, uma vez que os usos da linguagem constituem elementos centrais na produção de identidades, na circulação de saberes e na organização das relações de poder nas sociedades contemporâneas. A linguagem, nesse quadro interpretativo, torna-se um espaço privilegiado de disputa simbólica, no qual se configuram processos de subjetivação e pertencimento social.

De forma convergente, Blommaert (2010) destaca que os processos de globalização e mobilidade intensificaram a complexidade das práticas linguísticas, exigindo novas ferramentas analíticas capazes de compreender a circulação de discursos em escalas transnacionais e multimodais. A sociolinguística da globalização proposta pelo autor parte da premissa de que os fenômenos linguísticos devem ser analisados em relação às condições sociopolíticas que estruturam a mobilidade dos sujeitos e dos discursos. Nesse sentido, a linguagem passa a ser compreendida como parte de ecologias comunicativas complexas, nas quais diferentes repertórios linguísticos e recursos semióticos são mobilizados em contextos interacionais variados.

Nesse mesmo horizonte teórico, García (2019) desenvolve importantes contribuições por meio do conceito de *translanguaging*, que problematiza a concepção tradicional de línguas como sistemas autônomos e rigidamente delimitados. Para a autora, os sujeitos multilíngues não operam com línguas isoladas, mas com repertórios linguísticos integrados e dinâmicos, mobilizados estrategicamente em práticas comunicativas situadas. Tal perspectiva desloca a compreensão da linguagem para uma abordagem que privilegia a fluidez e a hibridez das práticas linguísticas contemporâneas, colocando em evidência a necessidade de repensar concepções monolíngues que historicamente orientaram o ensino de línguas.

A partir desse conjunto de contribuições teóricas, torna-se evidente que o ensino de línguas não pode mais ser concebido como simples transmissão de estruturas gramaticais ou memorização de regras normativas. Ao contrário, trata-se de um processo de formação discursiva que envolve a participação ativa dos sujeitos em práticas sociais mediadas pela linguagem, entendidas como formas historicamente situadas de agir, interagir e produzir sentidos em contextos socioculturais específicos (Gee, 2015; Fairclough, 2003). Nessa perspectiva, a linguagem não é apenas um sistema de representação, mas um meio de ação social por meio do qual os sujeitos constroem significados, posicionam-se e participam de relações de poder.

A aprendizagem linguística passa, assim, a ser compreendida como um processo de inserção em comunidades discursivas, nas quais os indivíduos desenvolvem competências para interpretar e produzir discursos, negociar identidades e participar da construção social do conhecimento, em consonância com abordagens socioconstrucionistas da linguagem (Lave; Wenger, 1991; Barton; Lee, 2013). Nesse sentido, aprender uma língua implica não apenas

dominar formas linguísticas, mas engajar-se em práticas sociais significativas que configuram modos de pertencimento e atuação no mundo (Lave; Wenger, 1991; Gee, 2015).

Nesse contexto, estudos recentes no âmbito da sociolinguística educacional e da educação linguística crítica, especialmente aqueles que abordam variação linguística, ideologias linguísticas e justiça social na educação têm enfatizado a necessidade de integrar perspectivas sociolinguísticas ao ensino, com destaque para a valorização da diversidade linguística e a problematização das hierarquias entre variedades linguísticas (Alim; Smitherman, 2012; Labov, 1972; Pennycook, 2018). No cenário brasileiro, pesquisas voltadas à pedagogia da variação e às políticas linguísticas educacionais também têm reforçado essa discussão (Bagno, 2007; Bortoni-Ricardo, 2004; Faraco, 2008).

A sociolinguística educacional demonstra que a persistência de modelos normativos de ensino frequentemente reproduz desigualdades sociais, ao privilegiar determinadas variedades linguísticas em detrimento de outras, o que pode contribuir para processos de exclusão simbólica no espaço escolar (Bourdieu, 1991; Bortoni-Ricardo, 2004). Assim, reconhecer a variação linguística como fenômeno constitutivo da linguagem torna-se condição fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e socialmente situadas, capazes de promover uma educação linguística comprometida com a diversidade e a equidade social.

Desse modo, a Linguística contemporânea consolida-se como campo interdisciplinar que articula diferentes tradições teóricas e metodológicas, dialogando com áreas como sociologia, antropologia, estudos culturais e educação. Esse movimento não apenas amplia as possibilidades analíticas da disciplina, mas também redefine o papel social da pesquisa linguística, que passa a contribuir de maneira mais direta para a compreensão e transformação das práticas sociais mediadas pela linguagem (Alim; Smitherman, 2012; Labov, 1972; Pennycook, 2018).

3 LINGUAGEM, DIVERSIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

A compreensão contemporânea da linguagem está profundamente associada à noção de diversidade, entendida não apenas como multiplicidade de línguas ou variedades linguísticas, mas como expressão das complexas dinâmicas socioculturais que estruturam as práticas

comunicativas nas sociedades contemporâneas. Em um contexto marcado pela intensificação dos processos de globalização, mobilidade humana e circulação transnacional de discursos, as práticas linguísticas tornam-se cada vez mais heterogêneas, híbridas e situadas, evidenciando a pluralidade de repertórios linguísticos que os sujeitos mobilizam em suas interações sociais.

Nesse cenário, a Linguística contemporânea tem enfatizado a necessidade de compreender a linguagem como prática social inserida em ecologias comunicativas complexas. Conforme argumenta Blommaert (2010), a globalização produziu profundas transformações nas formas de circulação da linguagem, ampliando a diversidade de repertórios linguísticos e redefinindo as condições de produção e interpretação dos discursos. Para o autor, as práticas linguísticas devem ser analisadas em relação às condições sociopolíticas que estruturam a mobilidade dos sujeitos e dos textos, uma vez que a linguagem se insere em sistemas de estratificação social que regulam a legitimidade e o valor das diferentes formas de expressão linguística.

Nesse contexto, conceitos como multiletramentos, translanguagem e educação linguística crítica passam a ocupar lugar central no debate acadêmico, pois permitem compreender de forma mais ampla e situada as práticas contemporâneas de linguagem (Cope; Kalantzis, 2009; García; Wei, 2014; Pennycook, 2018). Os multiletramentos, propostos pelo *New London Group* (1996), referem-se à necessidade de considerar, no ensino de línguas, tanto a diversidade linguística e cultural quanto a multiplicidade de modos semióticos (como imagem, som, gesto e texto digital), reconhecendo que a produção de sentidos ocorre em ambientes multimodais e tecnologicamente mediados.

A translanguagem (*translanguaging*), conforme García e Wei (2014), diz respeito ao uso integrado e dinâmico dos repertórios linguísticos pelos sujeitos multilíngues, rompendo com a ideia de línguas como sistemas separados e enfatizando práticas comunicativas fluidas, híbridas e contextualizadas. Já a educação linguística crítica, associada a autores como Pennycook (2018) e Janks (2010), propõe uma abordagem do ensino de línguas comprometida com a problematização das relações de poder, das ideologias linguísticas e das desigualdades sociais presentes nos usos da linguagem.

Essas perspectivas partem do reconhecimento de que os sujeitos contemporâneos transitam entre múltiplos repertórios linguísticos e semióticos, mobilizando diferentes recursos discursivos para produzir sentidos em contextos comunicativos diversos. Tal compreensão

implica reconhecer que a linguagem não se limita ao domínio da língua escrita ou oral tradicional, mas envolve um conjunto ampliado de práticas semióticas que incluem imagens, sons, recursos digitais e diferentes formas de multimodalidade (Kress, 2010).

Os estudos sobre multiletramentos têm contribuído significativamente para ampliar essa compreensão. De acordo com Rojo e Moura (2019), as transformações culturais e tecnológicas das últimas décadas produziram novas formas de circulação e produção de sentidos, caracterizadas pela convergência de mídias, pela multimodalidade e pela crescente presença de ambientes digitais nas práticas comunicativas. Nesse contexto, os processos de letramento passam a envolver não apenas a leitura e a escrita em sentido tradicional, mas também a capacidade de interpretar e produzir discursos em diferentes linguagens e suportes. Assim, a educação linguística contemporânea precisa reconhecer a multiplicidade de práticas discursivas que emergem na cultura digital e nas redes comunicativas globais.

Essa abordagem desafia concepções tradicionais de ensino que ainda se baseiam em modelos monolíngues e normativos de linguagem. Ao reconhecer a diversidade linguística como elemento constitutivo das práticas sociais, a perspectiva da translanguagem contribui para a construção de abordagens pedagógicas mais inclusivas, capazes de valorizar os repertórios linguísticos dos estudantes e suas experiências socioculturais.

Paralelamente, a Linguística Aplicada crítica tem enfatizado a necessidade de compreender a linguagem como espaço de produção de identidades e de negociação de significados sociais. Nesse sentido, Pennycook (2018) argumenta que as práticas linguísticas estão profundamente imbricadas nas relações de poder que estruturam as sociedades contemporâneas. A linguagem, portanto, não deve ser entendida apenas como instrumento de comunicação, mas como prática cultural que participa ativamente da construção de subjetividades, ideologias e formas de pertencimento social (Kress, 2010).

Essa perspectiva tem implicações diretas para o campo educacional, especialmente no que se refere ao ensino de línguas. Conforme argumenta Kleiman (2016), os processos de letramento devem ser compreendidos como práticas sociais situadas, nas quais os sujeitos aprendem a participar de diferentes comunidades discursivas. A aprendizagem da linguagem envolve, portanto, não apenas o domínio de estruturas linguísticas, mas também a compreensão dos contextos sociais nos quais essas estruturas adquirem significado e legitimidade.

Dessa forma, as abordagens contemporâneas da Linguística revelam que as formas linguísticas não podem ser compreendidas isoladamente de seus contextos de uso. Ao contrário, os usos da linguagem constituem o espaço privilegiado no qual se manifestam as relações entre língua, cultura e poder. As práticas discursivas tornam-se, portanto, arenas de negociação simbólica nas quais os sujeitos constroem identidades, disputam significados e participam da produção social do conhecimento.

Assim, compreender a linguagem em sua dimensão social implica reconhecer que a diversidade linguística não constitui um problema a ser corrigido, mas um recurso fundamental para a construção de práticas comunicativas e educativas mais inclusivas. Nesse sentido, a articulação entre Linguística e Ensino torna-se elemento central para a construção de uma educação linguística capaz de dialogar com a complexidade das sociedades contemporâneas (Kress, 2010).

4 IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUAS NA CONTEMPORANEIDADE

As transformações epistemológicas observadas no campo da Linguística nas últimas décadas produzem implicações significativas para a compreensão e organização das práticas de ensino de línguas. Ao deslocar o foco analítico da linguagem enquanto sistema abstrato para a linguagem enquanto prática social situada, a Linguística contemporânea coloca em evidência a necessidade de repensar os fundamentos pedagógicos que historicamente orientaram a educação linguística. Nesse sentido, torna-se cada vez mais evidente a insuficiência de modelos de ensino centrados exclusivamente na transmissão de estruturas gramaticais normativas ou na repetição mecânica de padrões linguísticos descontextualizados (Blommaert, 2010).

Tradicionalmente, o ensino de línguas foi estruturado a partir de uma concepção formalista da linguagem, na qual o domínio do código linguístico era entendido como principal objetivo do processo educativo. Entretanto, as abordagens contemporâneas têm demonstrado que o conhecimento linguístico envolve muito mais do que a simples aquisição de regras gramaticais. Conforme argumenta Pennycook (2018), a linguagem deve ser compreendida como prática social e cultural profundamente imbricada nas dinâmicas de poder, identidade e produção de sentidos que caracterizam as sociedades contemporâneas. A partir dessa perspectiva, o ensino de línguas precisa considerar os contextos sociais em que as práticas

discursivas se realizam, bem como os significados ideológicos que atravessam os usos da linguagem (Blommaert, 2010).

Essa reorientação teórica também se articula às contribuições da sociolinguística contemporânea. Para Blommaert (2010), as transformações provocadas pelos processos de globalização e mobilidade ampliaram significativamente a diversidade linguística presente nas interações sociais. Os sujeitos passam a mobilizar repertórios linguísticos múltiplos, transitando entre diferentes registros, variedades e recursos semióticos. Nesse cenário, o ensino de línguas precisa reconhecer que as práticas comunicativas contemporâneas são caracterizadas pela heterogeneidade e pela circulação de discursos em múltiplas escalas sociais e culturais (García, 2019).

Essa compreensão tem contribuído para a consolidação de uma concepção de ensino orientada pelo desenvolvimento de competências discursivas, comunicativas e críticas, capazes de possibilitar aos sujeitos uma participação mais reflexiva nas práticas sociais mediadas pela linguagem. Assim, aprender uma língua não significa apenas dominar estruturas formais, mas desenvolver a capacidade de interpretar, produzir e negociar sentidos em diferentes contextos discursivos (García, 2019).

Nesse contexto, diversos estudos têm enfatizado a importância de incorporar às práticas pedagógicas os princípios dos multiletramentos, conceito formulado pelo New London Group (1996) e, posteriormente, desenvolvido por autores como Cope e Kalantzis (2009; 2015), que defendem uma pedagogia voltada para a diversidade linguística, cultural e semiótica das sociedades contemporâneas. Para esses autores, os multiletramentos partem de dois eixos centrais: a multiplicidade de culturas e línguas presentes na sociedade globalizada e a multiplicidade de modos de significação (visual, oral, gestual, espacial e digital), propondo uma pedagogia ativa baseada em prática situada, instrução explícita, enquadramento crítico e prática transformada², voltadas à construção crítica de sentidos pelos aprendizes.

A perspectiva dos multiletramentos propõe, portanto, uma ampliação da educação linguística, incorporando diferentes modos de produção de sentido que ultrapassam a centralidade da linguagem verbal escrita. Nesse sentido, práticas pedagógicas contemporâneas

² Tradução nossa. No original: *situating practice, overt instruction, critical framing e transformed practice* (Cope; Kalantzis, 2009; 2015).

passam a incluir textos multimodais, ambientes digitais, plataformas colaborativas e diferentes gêneros discursivos que circulam nas esferas sociais e culturais da vida cotidiana.

De forma convergente, os estudos sobre translanguagem também têm contribuído para redefinir as bases do ensino de línguas. Conforme argumenta García (2019), os sujeitos multilíngues não operam com sistemas linguísticos isolados, mas mobilizam repertórios linguísticos integrados que se articulam dinamicamente nas interações sociais. Essa perspectiva desafia concepções tradicionais de ensino baseadas em modelos monolíngues, incentivando práticas pedagógicas que valorizem os repertórios linguísticos diversos presentes nas salas de aula contemporâneas.

Nesse sentido, a formação linguística passa a ser concebida como processo de construção de consciência crítica sobre os usos da linguagem. Isso implica discutir, no interior da sala de aula, temas como ideologias linguísticas, diversidade cultural, relações de poder, processos de exclusão simbólica e desigualdades sociais. A linguagem deixa de ser vista apenas como instrumento neutro de comunicação e passa a ser compreendida como prática social que participa ativamente da produção de significados e identidades.

Dessa forma, o ensino de línguas deixa de ser entendido apenas como domínio técnico de estruturas gramaticais para assumir um papel mais amplo na formação cidadã dos estudantes. Trata-se de promover uma educação linguística capaz de possibilitar aos sujeitos interpretar criticamente os discursos que circulam na sociedade, reconhecer a diversidade de práticas linguísticas e participar ativamente da produção de novos sentidos no espaço público.

Assim, as contribuições da Linguística contemporânea apontam para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade linguística, cultural e social que caracterizam as sociedades atuais. Ao integrar perspectivas críticas, socioculturais e discursivas, o ensino de línguas passa a desempenhar papel fundamental na formação de sujeitos capazes de compreender a complexidade das práticas comunicativas contemporâneas e de atuar de maneira crítica e reflexiva no mundo social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam que as interfaces entre Linguística, Linguística Aplicada e Ensino constituem um campo teórico e epistemológico em

permanente transformação. Em especial, a Linguística Aplicada, em sua vertente crítica e contemporânea, tem desempenhado papel central na problematização das relações entre linguagem, sociedade e educação, dialogando com diferentes tradições da Linguística para ressignificar o ensino de línguas. As mudanças ocorridas nas últimas décadas no interior dos estudos da linguagem produziram um deslocamento significativo nas formas de compreender tanto a natureza da linguagem quanto os objetivos e as práticas do ensino de línguas, passando de abordagens estruturalistas e normativas para perspectivas que enfatizam a linguagem como prática social, discursiva, histórica e situada (Pennycook, 2018; Moita Lopes, 2006).

Se, durante grande parte do século XX, predominou uma concepção de linguagem centrada na descrição de sistemas linguísticos relativamente autônomos, as abordagens contemporâneas têm enfatizado a necessidade de compreender a linguagem como prática social complexa, situada historicamente e atravessada por múltiplas dimensões culturais, políticas e ideológicas. Nesse sentido, os estudos linguísticos passam a dialogar de forma cada vez mais intensa com áreas como sociologia, antropologia, educação e estudos culturais, configurando um campo interdisciplinar que busca compreender os usos da linguagem em contextos sociais concretos.

Autores como Pennycook (2018) e Blommaert (2010) demonstram que as práticas linguísticas contemporâneas estão profundamente relacionadas aos processos de globalização, mobilidade e circulação transnacional de discursos, o que exige novas ferramentas analíticas capazes de compreender a complexidade das ecologias comunicativas atuais. Paralelamente, conceitos como multiletramentos e translinguagem, discutidos por Rojo e Moura (2019) e García (2019), evidenciam que as práticas linguísticas contemporâneas são marcadas pela multimodalidade, pela hibridez e pela mobilização de repertórios linguísticos diversos.

No campo educacional, essas transformações produzem implicações profundas para a organização das práticas pedagógicas e para as concepções de ensino de línguas. Conforme argumentam Kleiman (2016), Duboc (2020) e Siqueira (2010), a educação linguística contemporânea precisa superar modelos pedagógicos centrados exclusivamente na transmissão de estruturas gramaticais, passando a valorizar práticas pedagógicas que integrem dimensões discursivas, socioculturais e críticas da linguagem.

Nesse sentido, o ensino de línguas deixa de ser compreendido apenas como processo de aquisição de competências linguísticas formais e passa a ser concebido como espaço de

formação discursiva, cultural e cidadã. A sala de aula transforma-se, assim, em espaço de reflexão sobre diversidade linguística, ideologias linguísticas, relações de poder e produção de sentidos sociais.

Dessa forma, pode-se afirmar que a articulação entre formas linguísticas e usos sociais da linguagem constitui elemento central para compreender os desafios contemporâneos da educação linguística. Em sociedades caracterizadas pela diversidade cultural, pela intensificação das práticas digitais e pela circulação global de discursos, torna-se cada vez mais necessário desenvolver abordagens pedagógicas capazes de dialogar com a complexidade das práticas comunicativas contemporâneas.

Conclui-se, portanto, que o fortalecimento das interfaces entre Linguística e Ensino representa não apenas uma possibilidade teórica relevante, mas uma condição fundamental para a construção de práticas educativas capazes de responder aos desafios culturais, sociais e comunicacionais do século XXI. Ao reconhecer a linguagem como prática social situada, a educação linguística pode contribuir para a formação de sujeitos críticos, capazes de interpretar, questionar e transformar os discursos que estruturam a vida social contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALIM, H. Samy; SMITHERMAN, Geneva. **Articulate while Black: Barack Obama, language, and race in the U.S.** New York: Oxford University Press, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Language online: investigating digital texts and practices.** London: Routledge, 2013.
- BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI: 10.1017/CBO9780511845307.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power.** Cambridge: Polity Press, 1991.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Multiliteracies: new literacies, new learning. **Pedagogies: An International Journal**, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009. DOI: 10.1080/15544800903076044.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (ed.). **A pedagogy of multiliteracies: learning by design**. London: Palgrave Macmillan, 2015. DOI: 10.1057/9781137539724.

DUBOC, Ana Paula Martinez. A atitude decolonial na universidade e na escola: por uma educação outra. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa (org.). **(De)colonialidades na relação escola-universidade para a formação de professoras(es) de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 151-177.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GARCÍA, Ofelia. Translanguaging: a coda to the code? **Classroom Discourse**, v. 10, n. 3-4, p. 369-373, 2019. DOI: 10.1080/19463014.2019.1638277.

GARCÍA, Ofelia; WEI, Li. **Translanguaging: language, bilingualism and education**. London: Palgrave Macmillan, 2014. DOI: 10.1057/9781137385765.

GEE, James Paul. **Social linguistics and literacies: ideology in discourses**. 5. ed. London: Routledge, 2015.

JANKS, Hilary. **Literacy and power**. New York: Routledge, 2010.

KLEIMAN, Angela B.; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

KRESS, Gunther. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, 2010.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MARSON, Isabel Cristina Vollet; JORDÃO, Clarissa Menezes. Multiliteracies, English as a lingua franca and translingual practices: opening Pandora's box. **Muitas Vozes**, v. 11, 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, p. 60-93, 1996. DOI: 10.17763/haer.66.1.17370n67v22j160u.

OLIVEIRA, Raquel Souza de; FABRÍCIO, Branca Falabella. Resistência política sem fogo amigo: por uma ideologia linguística das misturas em nossa revolta. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 61, n. 2, p. 401-418, 2022.

PENNYCOOK, Alastair. **Posthumanist applied linguistics**. New York: Routledge, 2018.

ROCHA, Claudia Hilsdorf; MEGALE, Antonieta Heyden. Translinguagem e seus atravessamentos: da história, dos entendimentos e das possibilidades para decolonizar a educação linguística contemporânea. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 39, n. 2, 2023. DOI: 10.1590/1678-460X202339251788.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SANTOS, Marcos Bispo. Didática da língua e linguística aplicada: duas perspectivas de construção de objetos de ensino. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4229-4243, 2019. DOI: 10.5007/1984-8412.2019v16n4p4229.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica. In: SILVA, Kleber Aparecido da (org.). **Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinhas**. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 25-52.

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2007. DOI: 10.1080/01419870701599465.

Recebido em: **06/03/2026**

Aprovado em: **29/05/2026**